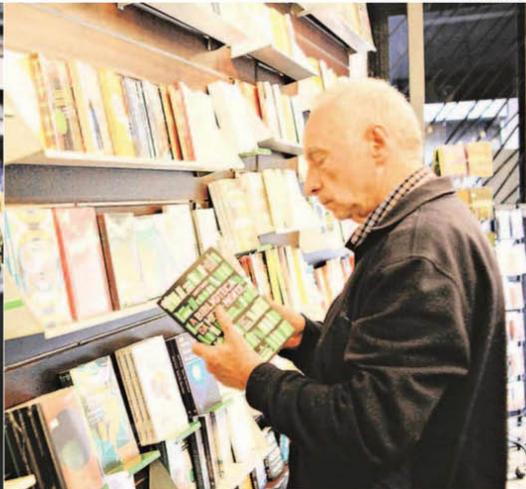


Moradores da RMC gastam mais com remédios que com lazer e cultura



Na tradicional Livraria Pontes, uma das poucas em atividade no Centro de Campinas, Nívia Pontes (foto à esquerda) e José Reinaldo Pontes (à direita) revelam que a maioria dos clientes é composta por leitores habituais que não se preocupam tanto com o impacto financeiro da compra de livros

Luis Eduardo de Sousa
luis.res@rac.com.br

NA RMC

Gastos com remédios deixam a diversão em segundo plano

Tendência foi constatada por pesquisa de consumo realizada pela IPC Maps

Nos últimos anos, o envelhecimento da população e a perda do poder de compra têm direcionado o consumo para necessidades básicas, relegando gastos com lazer, cultura e livros a segundo plano. Essa tendência é evidenciada por uma pesquisa de consumo realizada pela empresa IPC Maps, que analisa as prioridades da população da Região Metropolitana de Campinas (RMC) para 2024.

Um dos principais destaques da pesquisa é o aumento significativo nos gastos com medicamentos, que devem alcançar aproximadamente R\$ 4,7 bilhões nas 20 cidades da RMC. Esse valor supera consideravelmente os gastos estimados com livros, artigos de papelaria, cultura, lazer e recreação, que juntos somam cerca de R\$ 4 bilhões.

Envelhecimento da população seria um dos principais fatores

Especialistas consultados pelo Correio Popular atribuem esse fenômeno ao envelhecimento da população, que tem elevado exponencialmente os gastos com produtos farmacêuticos. Além disso, a inflação dos últimos anos reduziu o poder de compra das famílias, levando-as a priorizar itens essenciais em detrimento de atividades como cinema, teatro ou shows.

De acordo com o IPC Maps, essa tendência é nacional e também está relacionada ao aumento da desigualdade de renda no país. "Naturalmente, os mais ricos consomem mais cultura, enquanto os mais pobres priorizam itens essenciais. Assim, é notável uma mudança nos padrões de consumo, com as pessoas de baixa renda focando em itens essenciais e as de alta classe participando mais em serviços não essenciais", afirma Marcos Pazzini, diretor da instituição.

O IPC Maps realiza pesquisas de potencial de consumo encomendadas por empresas, com o objetivo de identificar áreas com maior potencial de retorno para investimentos. A pesquisa em questão considera toda a população da região, estimada em 3,2 milhões de habitantes pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Ao todo, o estudo abrange 22 categorias de consumo entre serviços e comércio. Considerando todas as categorias, a população da RMC deve consumir cerca de R\$ 161,5 bilhões em 2024.

Esses dados refletem a realidade da estudante Vitória Mirella



Envolvida na rotina da faculdade de odontologia, a estudante Vitória Mirella, de 22 anos, afirma não ter tempo para atividades culturais: "Gasto pouco com itens farmacêuticos, mas não menos que R\$ 100 mensais. Com cultura e lazer, para ser sincera, não tenho gastado nada"

de 22 anos. Envolvida na rotina intensa da faculdade de odontologia, ela afirma não ter tempo para atividades culturais. "Gasto pouco com itens farmacêuticos, mas não menos que R\$ 100 mensais. Com cultura e lazer, para ser sincera, não tenho gastado nada, então no meu orçamento esse tipo de consumo (de medicamentos) se sobrepõe ao cultural", diz Vitória.

Situação semelhante é vivida pelo pequeno empresário Sérgio Antônio Lima, de 65 anos. "Se contabilizar o gasto da minha família, não gastamos menos que R\$ 200 mensais com remédios, isso chutando baixo", relata Sérgio, que junto com a esposa faz uso frequente de medicamentos para controlar a pressão arterial. "Por outro lado, não temos o hábito de gastar com atividades

culturais. Nosso lazer habitual é passar no shopping", completa.

JUSTIFICATIVAS

Marcos Pazzini, do IPC Maps, explica que o envelhecimento da população tem elevado os gastos com medicamentos, contribuindo para o distanciamento entre as categorias de consumo. Ele também menciona a desigualdade de renda como um fator relevante. "É uma realidade nacional, esse comprometimento da população com despesas básicas em detrimento de gastos com lazer, cultura e similares. Isso se deve tanto ao envelhecimento da população, que aumenta os gastos com saúde, quanto à crescente desigualdade de renda, que faz com que as camadas mais baixas priorizem a sobre-

vivência em vez da recreação", analisa Pazzini.

Ele destaca ainda uma tendência de concentração de gastos nos extremos etários nos próximos anos. "A maior parte da população tende a se concentrar em idosos, crianças e adolescentes. Naturalmente, o consumo também se direciona para essas faixas etárias, resultando numa perda de investimento nas categorias culturais", observa.

Na tradicional Livraria Pontes, uma das poucas em atividade no Centro de Campinas, o perfil do público é diverso. No entanto, os proprietários revelam que a maioria dos clientes é composta por leitores habituais que não se preocupam tanto com o impacto financeiro da compra de livros. "É um público que, independente-

mente do contexto econômico, vai comprar livros, pois a leitura é um hobby. Há clientes que estão aqui diariamente", afirma Nívia Pontes.

Apesar dos dados indicarem uma perda de espaço do segmento em comparação com categorias mais essenciais, Pontes relata que o consumo de livros cresceu nos últimos três anos. A loja vendeu cerca de 8 mil livros em 2021, 9 mil em 2022 e 10 mil no ano passado, um crescimento de aproximadamente 25% entre os anos.

Outra pesquisa do IPC Maps, referente a 2023, mostra que deve haver um avanço no consumo em ambas as categorias neste ano. Em 2022, a população da RMC gastou R\$ 3,7 bilhões em lazer, cultura, livros e similares, enquanto os gastos com medicamentos chegaram

a R\$ 4,4 bilhões. A diferença entre as duas categorias permanece próxima de R\$ 7 milhões a mais para os medicamentos.

Do ponto de vista da estrutura de consumo, existe uma tendência histórica de que questões de saúde sejam prioritárias em comparação com a cultura. Deve-se considerar também a entrada crescente de novos medicamentos no mercado, adotados inclusive pela população mais jovem, como ansiolíticos, remédios para dormir, para disfunção erétil e similares", argumenta o economista José Augusto Gaspar Rius, das Faculdades de Campinas (Facamp).

A médica generalista Joice Santos de Jesus, que atende pelo SUS em Campinas, confirma essa tendência. "Temos estudos que mostram o aumento do consumo de medicamentos com a idade. Vemos isso no dia a dia. É mais comum o uso de múltiplas medicações, certamente ancoradas na ocorrência mais frequente de múltiplas patologias, principalmente as crônicas, como hipertensão arterial, diabetes, dislipidemia e asma", explica.

FATO CURIOSO

Entre as 22 categorias de consumo avaliadas pela pesquisa estão alimentação fora de casa, alimentação no domicílio, gastos com veículo próprio, calçados, habitação, vestuário e eletroeletrônicos. Chama a atenção o fato de que a população local deve gastar mais com veículo próprio do que com alimentação no domicílio neste ano. Os valores devem girar em torno de R\$ 17,7 bilhões e R\$ 12,6 bilhões, respectivamente.

Com a pandemia, muitas pessoas adquiriram veículos para trabalhar, especialmente no mercado de entregas, que se fortaleceu durante o período. Assim, as manutenções desses veículos entram como gasto domiciliar e ultrapassam o consumo de alimentação em casa. Nesse caso, especificamente, o veículo se torna um meio de obtenção de receitas para a família", explica Pazzini.

